



Anais da Assembléia

N. 116

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1985

ANO XI

3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 10ª LEGISLATURA ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A ENTREGA DO TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ, A SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMO DOM PEDRO CASALDÁLIGA

REALIZADA EM 30 DE OUTUBRO DE 1985.

QUARTA-FEIRA

Presidência do Senhor Deputado Nilso Sguarezi, secretariada pelos Senhores Deputados Anibal Khury e Quielse Crisóstomo.

As quinze horas, é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Nilso Sguarezi, Antônio Annibelli, Nelson Buffara, Anibal Khury, Quielse Crisóstomo, Fiori Luiz, Ezequias Losso, Acir Mezzadri, Adhail Sprenger Passos, Airtton Cordeiro, Amélia Hruschka, Antônio Belinati, Artagão Mattos Leão, Augusto Carneiro, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Donato Gulin, Edgard Pimentel, Edmar Luiz Costa, Eduardo Baggio, Erondy Silvério, Ervin Bonkoski, Ferrari Júnior, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Gemote Kirinus, Gilberto Carvalho, Hernas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, Ivan Gubert, Jorge Maia Filho, José Antônio Fonseca, Leônidas Chaves, Luiz Alberto Oliveira, Márcio Almeida, Mário Pereira, Nelson Vasconcellos, Nestor Baptista, Odeni Mongruel, Orlando Pessuti, Osvaldo Alencar Furtado, Paulo Furiatti, Péricles Pacheco, Rubens Bueno, Sabino Campos, Sérgio Spada, Tadeu França, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Tuguio Setogutte, Werner Wanderer e Wilson Fortes (57). Achando-se em licença o Senhor Deputado Roberto Requião (01). Presente ainda inúmeras autoridades Cívicas, Eclesiásticas e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE

Para receber e acompanhar até este recinto os Senhores: Doutor Euclides Scalco, Digníssimo Chefe da Casa Civil, representante de Sua Excelência o Senhor Governador do Estado do Paraná e o homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Senhores Deputados, José Antônio Fonseca, Paulo Furiatti e Sérgio Spada.

Suspendo a sessão por alguns instantes até a chegada de Suas Excelências. (É suspensa a sessão).

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Está reaberta a sessão.

É com satisfação que anunciamos a composição da Mesa: Excelentíssimo Senhor Euclides Scalco, Chefe da Casa Civil do Governo, representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná.

(Tumulto nas galerias ocupados pelos "sem-terras").

A Mesa adverte os espectadores que qualquer manifestação dos espectadores será proibida pela Presidência. Louvo os paranaenses civizados que não quebrem o brilho desta solenidade em homenagem ao Cidadão Honorário do Paraná, Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Casaldáliga. (Aplausos).

Excelentíssimo Senhor Álvaro Dias, Senador da República; Excelentíssimo Senhor Professor Faustino Fávoro, representante de Sua Excelência o Senhor Alcy Joaquim Ramalho, magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná; Exce-

lentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Paraná; Excelentíssimo Senhor Quielse Crisóstomo da Silva, 2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Fiori Luiz, 2.º Vice-Presidente da Assembléia Legislativa do Paraná.

Convido os presentes a ficarem em pé, para ouvirem o Hino Nacional executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Paraná.

(É executado o Hino Nacional).

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Convido o Senhor 1.º Secretário para que proceda a leitura dos termos do Diploma de Cidadão Honorário do Paraná, que será outorgado a Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Casaldáliga.

O SR. 1.º SECRETÁRIO (Anibal Khury) — "República Federativa do Brasil. Estado do Paraná. Título de Cidadania Honorária.

Os Poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com a Lei n. 80/81, de 15 de maio de 1985, confere a Sua Excelência, Reverendíssima Dom Pedro Casaldáliga, o título de Cidadão Honorário do Paraná, para o que mandaram expedir o presente diploma.

Curitiba, 30 de outubro de 1985.

José Richa, Governador do Paraná.

Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça.

Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Paraná".

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Para fazer a entrega do Diploma de Cidadão Honorário do Paraná, tenho a elevada honra de convidar Sua Excelência o Deputado Euclides Scalco, Digníssimo Chefe da Casa Civil, Representante de Sua Excelência o Senhor Governador do Estado do Paraná.

(É feita a entrega).

(Palmas).

Para saudar nosso mais novo cidadão paranaense e falar em nome do Poder Legislativo, concedo a palavra ao Senhor Deputado Tadeu França, autor do projeto de lei.

O SR. TADEU FRANÇA — Excelentíssimo Senhor Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Euclides Scalco, Chefe da Casa Civil do Governo, Representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná.

Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Casaldáliga, Cidadão Honorário do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Professor Faustino Fávoro, Representante de Sua Excelência o Senhor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Quielse Crisóstomo da Silva, 2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Fiori Luiz, 2.º Vice-Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Demais autoridades civis e eclesiásticas.

Senhores Deputados, Senhoras e Senhores.

"Deixando um pouco as formalidades, pretendo endereçar os meus cumprimentos especiais aos peregrinos de todos os recantos do Paraná e agora aqui nesta Assembléia Legislativa, a saudar e a testemunhar a esperança dos humildes, pobres e desvalidos filhos da terra e dela expulsos. Saúdo na ausência todos aqueles que seriam convidados para este encontro, mas que por motivos alheios a minha vontade, acabou não lhes chegando às mãos, ou chegando tarde demais a formalidade dos convites. Um abraço de solidariedade irmã aos camponeses sem terra, às 400.000 famílias de trabalhadores volantes bóias-frias que circulam diariamente por nossas estradas, desde as altas madrugadas. Nas pessoas dos irmãos roceiros e operários que aqui se fazem presentes, saúdo os seus milhares de irmãos que aqui não puderam vir. Na presença ou na ausência, uma só é a luta dos pequeninos, pois que se consolida nos alceres da dor e na força de uma só palavra que todos o prenderam a pronunciar: a libertação. Aqui está um pouco dos milhões de roceiros e operários espalhados por este Brasil imenso e de tão poucos donos. Todos eles são seus filhos espirituais, Dom Pedro Casaldáliga, agora um irmão paranaense de todos nós por mais um título. Elas se somam a nós nesta homenagem singela que de outra forma não poderia ser: pobres vindos de todos os rincões do Paraná, saudando em uma só voz o bispo de todos os pobres severinos que dos latifúndios sem fim ainda prosseguem com um legado apenas: a cova medida em alguns palmos, mais nada.

DOM PEDRO CASALDÁLIGA. Um homem simples, sem báculo e sem anéis, humilde, franzino, não mais do que a voz do Deus dos pobres da terra. Ao longo do caminho entrelaçado de martírio, Dom Pedro Casaldáliga é o "bispo comunista" para os barões do latifúndio da terra convertida em pastagens sem fim e sem marcas dos pés roceiros, cuja agonia ele expressou num grito:

"MORRA O HOMEM, VIVA O BOI".

Profeta dos oprimidos e sempre envolto na herança das contradições do Cristo único, o pobre, perseguido e salvador, Dom Pedro Casaldáliga fez do coração da Amazônia, convertida em reserva das multinacionais, a caixa de ressonância da pastoral da liberação de todos os desvalidos da América Latina. Agredido, caluniado, ameaçado sempre de expulsão ou morte, é ele o prelado chapéu-de-palha em permanente vivência de ação de graças "porque o Deus dos pobres da terra tem-se feito presente de muitos modos nessa caminhada junto ao povo e sua escravidão, particularmente no campo, sempre cobijado pelos sucessivos impérios". Bispo de São Félix do Araguaia, vice-presidente da Comissão Pastoral da Terra a nível nacional e agora Cidadão Honorário do Paraná, ele é acima de tudo um teimoso da esperança a insistir em crer que "o sangue mártir e inocente não pode ser derramado em vão na América". Nem beato e nem comunista, Dom Pedro Casaldáliga é apenas um rebelde fiel de Deus a vivenciar o apelo de que: "na terra e para o céu só o que é pequeno produz".

Para os moradores de Balsareny, Espanha, cidade em que nasceu Pedro Casaldáliga, aos 16 de fevereiro de 1928, é ele o "Filho Predileto". Para nós outros, filhos do povo de base da pirâmide social brasileira, o bispo de São Félix do Araguaia é um irmão faminto e desfalecido à beira do caminho, proibida espécie no grande banquete social, — servido apenas para uns poucos. Dom Casaldáliga, é um permanente alvo de contradições. a exemplo do Cristo da Galiléia. Acusado de terrorista, subversivo, mas não mais que um coraçado da humildade a confundir todos os que o caluniam quando deixando transbordar as ressonâncias de seu coração aberto de par em par, responde somente que "pretende ser evangelicamente cristão apenas. Hoje. Aqui. Neste Brasil. Nesta nossa América Latina, onde há milhões de homens pobres, porque poucos têm demais".

Filho de lavrador leiteiro e vocacionado para o serviço de Deus talhado no semblante do irmão que sofre. Pedro Casaldáliga ordenou-se padre da Congregação dos Missionários Claretianos aos 31 de maio de 1952 em Barcelona, e foi sagrado bispo em São Félix do Araguaia, aos 23 de outubro de 1971.

Ainda na Espanha, engajou-se no trabalho de organizações juvenis e na pastoral dos subúrbios. Lecionou, dirigiu a revista "Íris" em Madri, escreveu para jornais, revistas, rádio e teatro e assegurou nacionalmente o alvorecer dos cursilhos de circunstância, tendo sido deles o seu fundador em pleno solo da África.

Em 1968, Pedro Casaldáliga chega ao Brasil para definitivamente aqui ficar. Um sem terra entre os sem terra, é assim que o identificam os militantes da Pastoral da Terra, ao se referirem ao seu vice-presidente nacional.

Poeta e escritor, Dom Pedro Casaldáliga é autor de várias obras em prosa ou verso, tais como:

- 1 - "Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social".
- 2 - "Creio na Justiça e na Esperança".
- 3 - "Clamor Elemental" — poemas.
- 4 - "Tierra Nuestra, Libertad", com prólogo de Ernesto Cardenal.
- 5 - "Cantigas Menores" — poemas.
- 6 - "A Cuia de Gedeão" — Poemas e Autos Sacramentais Sertanejos.
- 7 - "Missa da Terra Sem Males e Missa dos Quilombos" (memória solidária com a causa indígena e com a causa negra).
- 8 - "En Rebelde Fidelidad" — diário.
- 9 - "Fuego y Ceniza al Viento" — poemas.
- 10 - "Cantares de la Entera Libertad" (Poemas dedicados a Nueva Nicaragua).

Entretanto, a vida de Dom Pedro Casaldáliga é o maior livro aberto em ressonâncias de solidariedade e expressão ímpar do seu compromisso com os pobres e perseguidos. A Causa dos camponeses sem terra é a sua causa; o calvário dos inocentes oprimidos é o seu calvário. Foi em nome deste Gólgota que ele e o padre João Bosco Penido Burnier foram em 1976 interceder em favor da esposa de um posseiro injustamente encarcerada e foi neste trabalho apostólico em que a seu lado o padre Burnier foi alvejado a sangue frio por um policial a serviço da mais violenta repressão. E enquanto o padre João Bosco Burnier, baleado no rosto, agonizava, Pedro ouvia os gritos de uma mulher que estava sendo torturada atrás das grades, a mesma mulher em favor de quem os dois haviam ousado interceder.

"Vamos teimar rebeldemente fiéis" exorta Dom Pedro Casaldáliga, enfatizando que os grandes são sempre contra o bem real do povo. Agora eles o declaram abertamente. Basta olhar a lista dramática dos mortos pela terra, em que agora estão acrescentado sangue "religioso" ao sangue indígena e lavrador. Duas irmãs religiosas, Adelaide, Cleusa e também o padre Ezequiel foram recentemente sacrificadas neste abrumador martírio diário, que tem sido o calvário daqueles que ousam sonhar com justiça social para os oprimidos.

Aqui nesta Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, em sua presença, Dom Pedro Casaldáliga, invocamos também a memória saudosa do Pontífice Paulo VI que, em postura ímpar, fez ouvir sua voz quando o processo de sua expulsão do País já estava sobre a mesa do Presidente da República em 1976, Dom Pedro Casaldáliga não foi expulso do Brasil porque junto com o povo pequeno e humilde fez ouvir a voz do Papa Paulo VI ao afirmar que "MEXER COM O BISPO DE SÃO FELIX DO ARAGUAIA É MEXER COM O PAPA". E Pedro prosseguiu entre nós. Presença exigida pelos lavradores e índios da Amazônia a quem seu bispo defende com coragem evangélica. É em seu perfil de teimosia da esperança, que os la-

vradores, índios, negros, operários e oprimidos de todo o Brasil encontram o Cristo-Irmão de sofrimento a acenar para a libertação de todo o povo brasileiro que vê, no compromisso da Igreja com os pobres e perseguidos, a tradução eficaz única, válida, do Evangelho de Jesus para a nossa realidade.

Numa época em que vários generais do exército brasileiro, servindo-se de sua condição de "intocáveis", fizeram-se presidentes de empresas multinacionais ou o braço armado delas contra nossa gente explorada, a voz de Dom Casaldáliga, qual nova voz de João Batista a clamar no deserto, nunca se calou ante a prepotência dos poderosos.

Foi em nome desta energia infinita, pois que alicerçada na abnegação total de quem veio para dar testemunho da Luz que o Bispo de São Félix do Araguaia censurou o General Humberto de Souza Messo, então comandante do II Exército, o General Reynaldo de Mello de Almeida, então comandante da 9ª Região Militar com sede em Campo Grande e o general Rosalvo Eduardo Jansen, então comandante da 2ª Brigada Mista de Corumbá, e por que? Por que isto? Generais do Exército se posicionaram a favor da poderosa empresa CODEARA, fazendo violenta pressão para que o então Prefeito de Luciara revogasse a lei de desapropriação em favor dos sem terra, mutilados na Amazônia, reserva das multinacionais.

Quem não se lembra das irreverências do Senador Eurico Rezende, então líder do Governo no Senado, ao qualificar o Bispo de São Félix do Araguaia de "um comunista vestido de bispo" e pregar a luta de classes, a calúnia, a injúria, a difamar o Brasil e as suas instituições? E o que respondeu Dom Pedro Casaldáliga?

"Tal como a bondade e a beleza, a verdade fala por si própria, melhor do que todos os argumentos racionais contra a calúnia. Creio em Jesus e adoro. Amo-o. Vivo dele e por Ele. Gostaria de dar a minha vida por Ele. Espero, em todo caso, morrer Nele, para viver eternamente com Ele".

Dom Oscar Romero, Arcebispo assassinado em pleno altar de El Salvador, habituava-se a proferir estas palavras:

"Quando os pobres estão sendo oprimidos pelos poderosos, os bons sacerdotes prestam sua ajuda para libertá-los e não temem os incômodos de qualquer inimizade, mas publicamente repreendem os opressores dos pobres, adverte-os, condena-os e não temem as ciladas daqueles que os prejudicarão, se puderem, porque o bom pastor expõe sua vida pelas suas ovelhas".

Nestas palavras, reside a mesma força que impulsiona Dom Pedro Casaldáliga em sua pastoral. Quando tentaram removê-lo compulsoriamente de São Félix do Araguaia pela sua pregação de que a "única solução para a Amazônia é a reforma agrária, porque aqui a injustiça só tem um nome: latifúndio", a resposta veio fulminante:

"Se o lugar e o tempo concreto para nós é o norte de Mato Grosso, é aqui que temos de realizar o nosso trabalho, envolvendo-nos com o problema dos posseiros e retirantes explorados por grandes fazendeiros. Ou melhor, só sairei de São Félix do Araguaia morto. E caso isso ocorra, não tem importância, pois ninguém mata o evangelho, ninguém mata um povo, ninguém mata a marcha da história".

Em outra ocasião, ao receber empurrões e bofetadas em pleno rosto por dois indivíduos ligados à polícia, Dom Casaldáliga limitou-se a responder que "ao cristão é proibido ter medo e que agressões, expulsão ou morte são perspectivas que também estão dentro de nossa caminhada".

A CIA está orientando um trabalho em toda a América Latina, propondo táticas para agredir, violar e desmoralizar os padres mais preocupados com os problemas sociais latino-americanos. E foi através de um documento secreto levado ao conhecimento de participantes da Assembléia de Itaipu, que a Agência de Inteligência dos Estados Unidos, denunciada por Dom Pedro Casaldáliga, sugeriu que se colocassem armas de

grosso calibre nos aposentos e até nas igrejas onde trabalham estes padres, para desmoralizá-los perante a opinião pública. É que o próprio evangelho é altamente subversivo para os poderes deste mundo. Quando a Igreja se coloca ao lado dos necessitados, dos interesses legítimos do povo, do favelado, do camponês, do posseiro, do garimpeiro, do índio e do negro, ela automaticamente se coloca contra os interesses dos donos e exploradores. E a Igreja tem de fazer esta opção: apoiar, caminhar, sofrer e se levantar com o povo.

Enterrar peões, retirantes, criancinhas vitimadas pela doença e pelo desamparo a que está destinada a gente da Amazônia, tem sido um macabro cotidiano do Bispo Pedro Casaldáliga.

Filho zeloso da Igreja, o nosso homenageado lamenta, entretanto, ter de ouvir sem encontrar uma resposta, que o Vaticano tem interesses em poderosas empresas multinacionais.

Não se deixem engolir pela sociedade do lucro, do sucesso e da concorrência, aconselha aos jovens, Dom Casaldáliga.

Igreja é o povo de Deus em marcha. E se quisésemos, nesta hora, representar o povo brasileiro crucificado, afirma o Bispo de São Félix, deveríamos colocar na cruz, as iniciais FMI, no lugar da inscrição INRI.

Recentemente, em sua trajetória pela Nicarágua, D. Pedro Casaldáliga, ao motivar o seu jejum com o Padre Miguel Descoto, em protesto contra as pressões militares e econômicas dos norte-americanos contra a Nicarágua, destacou "Há certos demônios que só se expulsam com o coração, em jejum". D. Pedro Casaldáliga que em nosso Paraná fique para sempre o mesmo legado por você prodigalizado e assim resumido quando da sua passagem pela Nicarágua. "Ouro e prata não tenho, nem armas, nem diplomacia nem poder, o que tenho dou: a oração de minha fé cristã, minha paixão latino-americana, a esperança inabalável na libertação do reino e se for preciso "não hesitou em proclamar D. Pedro Casaldáliga - como tantos outros que nos precederam", eu ofereço a minha vida, em nome de Jesus de Nazaré, à Nicarágua, à América Latina, à América Central, ao Brasil. Levantem-se vocês mesmos, sem intervenções e caminhem com a força da nova liberdade a proclamar esse grito".

Meus Deus, eu te pergunto se ouves a minha voz, se é este o teu povo e o que queres de nós, milhões de homens pobres, porque poucos tem demais. Somos supermercado para as multinacionais.

Talvez a liberdade chegue tarde demais
e tantos inocentes morram cedo demais
E a luz nos mostra agora o caminho da paz
e acaba a violência que mata demais.

Quem sabe um dia tua fronte erguerás,
América Latina, eu te amo demais.

Talvez teu sofrimento seja grande demais,

Pedro Casaldáliga, com o calor do nosso abraço paranaense, a fé no mesmo ideal e a partilhar das convicções por libertação que fluem de seu peito, ora na mesma sintonia com a terra das araucárias, com a terra dos cafezais, com a terra de um milhão de bóias-frias, com a terra de milhares de sem terra, hoje e para sempre em comunhão com o mesmo espírito a articular um grito, o seu grito, o nosso grito sem fronteiras:

**CRISTO VENCEU, UNIDOS NOS HAVEREMOS DE VENCER
muito obrigado".**
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Nílso Sguarezi) — É com elevada satisfação que ouviremos agora Sua Excelência Dom Pedro Casaldáliga, o nosso mais novo Cidadão Honorário do Paraná.
(Palmas).

O SR. DOM PEDRO CASALDÁLIGA — Vocês vêm como é que falam as crianças recém-nascidas? Apenas posso garantir que não vou fazer um discurso e nem um sermão, porque recém-nascido não sabe fazer isso.

Em segundo lugar, porque me parece que o que, este título de Cidadão Honorário do Paraná significa para mim, não se comenta com muitas palavras, se comenta apenas com gratidão, com oração, com solidariedade e com muito carinho.

Estou assim surpreendido como imagino que estariam surpreendidas todas as crianças se se sentissem mais conscientemente recém-nascidas. Há 17 anos que estou no Brasil e agora vocês me prometem uma saudação assim bem direta, bem popular. O povo paranaense, representado aqui nesta Casa, vocês de golpe, diríamos, me fazem definitivamente brasileiro.

Muito obrigado.

(Palmas)

Passei malárias, ameaças de morte, ameaças de expulsão, só hoje consegui ser oficial, diríamos, publicamente brasileiro graças ao Paraná

Curioso, há alguns anos atrás, dois ou três anos depois de chegar ao Brasil, eu cheguei em 1968, fui direto depois de um pequeno curso para o Mato Grosso, eu vim para o sul do País, e passei pelo Paraná, e descobri pela primeira vez aqui no Brasil, a flor nacional da Catalunha, a minha região, a giesta, essa flor amarela, que eu conheci, que eu zelei, que eu cantei de criança nos poemas dos nossos poetas nacionais de Catalunha. Fiz, inclusive, um poema naquelas circunstâncias, dizendo mais ou menos, não lembro do texto completo, que redescobri a giesta passando pelo Paraná, e que sendo flor de uma mesma festa não falava em Catalão, mas que tinha toda a saudade daquela pátria que eu deixei, transformada agora numa pátria maior em qualquer lugar do mundo, essa pátria que vem vindo e que construímos entre todos.

Vejam por onde, muitos anos depois, sou feito Cidadão Paranaense, plenamente brasileiro digo, por esse título que me honra, me comove e, certamente, me compromete.

Penso que, todo nascimento é gratuito, para nascermos não somos consultados, não fizemos méritos prévios, que não poderíamos fazer, mas sinto que esse Título de Cidadão Honorário do Paraná é, para mim, no mais belo sentido da palavra, plenamente gratuito, também, eu apenas tenho passado pelo Paraná, em algumas circunstâncias. Por que precisamente e o Paraná, me faz cidadão? Mais uma vez digo, obrigado a todo o povo paranaense, ao padrinho também, a quem, de agora em diante, como é norma dos velhos sertanejos na Amazônia legal, vou ter que pedir a bênção, eis que ele me apadrinhou para nascer aqui, não é? No Paraná. Entretanto, se penso que há consonância de lutas, de esperanças, sintonias que há muitos anos nos acompanham, do Paraná a Mato Grosso, ou, querendo, preferindo os Senhores, vocês irmãos todos, companheiros, patrícios, do Paraná, à Amazônia legal, eu sinto o Paraná como um Estado-referência de lutas agrárias e agrícolas. Possivelmente não haja no Brasil, outro Estado, a História conta onde se tenham acumulado mais lutas agrárias e agrícolas, significativas para o País todo. Sinto também, o Paraná, como um Estado fronteira, um Estado-passagem. Venho do Mato Grosso, conheço bem o Pará, Goiás, e venho vindo agora esses dias, vim direto, pela empresa Cascavel, de Ji-Paraná a Maringá, de Maringá para Curitiba, para a nossa Capital, e venho me encontrando, nesses últimos anos, com muitos paranaenses; o Paraná vem se derramando por esse Brasil afora. Na nossa Prelazia Diocese, de São Félix do Araguaia, temos comunidades inteiras de paranaenses; o CPT tem manejado nestes últimos anos, os dados dos "bóias-frias", dos "sem-terras", os dados das migrações, e o Paraná, Senhores, Senhores políticos do Paraná, irmãos todos, companheiros, "sem-terra", irmãos de Igreja, jornalistas, amigos patrícios todos, Senhores, todos vocês sabem como ainda hoje o Paraná é um Estado, agrariamente falando, agricolamente

falando, de muito drama e de muita prosperidade, simultaneamente, um Estado-contraste dramaticamente, digo: meio milhão, pelo menos, de "bóias-frias", meio milhão de "sem-terra". O Paraná moveu em muitos aspectos, para a agricultura do País. Ao atravessar esses campos, senti inclusive o trigo que há tantos anos a gente deixou na velha Europa, e o vinho, e o mel. Pensara, nesta terra do Paraná, que o linguajar bíblico é um pouco ampliado, mas as circunstâncias mandam de fato, leite e mel, e vinho, e café, o Paraná que poderia ser, que deveria ser, que tem condições de ser um paraíso, pelo menos para todos os paranaenses, e que continua sendo um Paraná dramático, os "sem-terra" são sobretudo para a consciência, para a notícia e até para a esperança do Brasil, os "sem-terra" são, fundamentalmente, paranaenses, gaúchos, e catarinenses: são os "sem-terra" do Sul, daquele "Sul Maravilha" onde alguns, inclusive, em algumas circunstâncias, companheiros irmãos de igreja, achavam que não haveria problema de terra. Somos sem-terra do Sul do Brasil, que levantaram os mastros, que deram o primeiro grito, que convocaram os sem-terra do Brasil todo. Em nome de todos os sem-terra eu agradeço a esses sem-terra do meu Paraná.

O Brasil com frequência se pergunta: por que a igreja entrou nessa luta? Os jornalistas me perguntaram ainda agora: o senhor entrou nessa luta por que?

Em primeiro lugar é fé da igreja, é doutrina do evangelho que somos irmãos, e eu dizia hoje de manhã aos sem-terra congregados na Praça Osvaldo Cruz que o primeiro manifesto sobre a terra, que nós cristãos, devemos ter na mão e na consciência, na luta e na vida, é a própria Bíblia. Se há uma consciência clara ao longo de muitas páginas da Bíblia é essa: a terra é de Deus, Deus deixou a terra para todos. Não cabe na consciência cristã a acomodação da terra. E com toda simplicidade, com toda liberdade e também com plena convicção, quero dizer para os Senhores, para os irmãos e para todos, que, para mim, latifúndio, todo latifúndio, que não seja um latifúndio comunitário, coletivizado, usem a palavra que queiram, cooperativista, sei lá, todo latifúndio que não seja comunitariamente vivido, para mim, em consciência, consciência social e política, e consciência cristã, todo latifúndio é pecado, todo latifúndio é injustiça, todo latifúndio é crime.

Por isso, lamento profundamente, me permitam um parêntese. E ainda há poucos dias o recém auto-demitível, Presidente do INCRA, José Gomes, lembrava como os grandes abolicionistas e citava textos, muito oportunamente, os grandes abolicionistas, os grandes debeladores da escravidão no Brasil, insistiam: acabar com a escravidão, deve significar entre outras coisas, reforma agrária. Faz um século com a escravidão, diziam eles, com a escravidão, é iniquidade, o latifúndio é perversidade.

Penso que muitos irmãos da igreja, sobretudo companheiros do campo, colonos posseiros, sem-terra, no Paraná, no Sul, na Amazônia, no Leste, no Oeste deste País, todos nós estamos profundamente decepcionados com essa Reforma Agrária; aquela que o povo brasileiro exigia; não é a reforma agrária que o povo brasileiro necessita; nem a reforma agrária que o Brasil pode fazer.

Por que apresentar modelos de outros Países (e não nos vemos suspeito de comunismo e não sei quantas coisas mais)? Mas lembramos ainda há poucos dias com citações dessas últimas apostilas, folhetos sobre a reforma agrária; a China, com 1 bilhão e 300 e tantos milhões de habitantes; a China que tem a mesma terra cultivável que o nosso Brasil alimenta esses milhões; e o Brasil, segundo estatísticas oficiais ainda da própria ditadura militar (os Senhores todos sabem), ainda conta com 80 por cento da população brasileira passando mal. Desses, 11 milhões de famílias sem-terra ou sem terra suficiente e garantida para plantar.

A CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil,

além de pronunciamentos regionais, de cartas pastorais das igrejas particulares, digestos, de renúncias, de atuações, a Igreja no Brasil, como no mundo inteiro ao longo de toda a História tem tido, tem e terá muitos pecados. A Igreja é santa e é pecadora, mas tenho a impressão de que nos últimos anos a Igreja no Brasil se redimiu de pecados históricos no seu posicionamento, parece-me que firme e claro com respeito à problemática da terra.

Senhores, vocês todos conhecem o documento da CNBB na 18.^a Assembléia Nacional de 14 de fevereiro de 1980: "Igreja e Problemas de Terras", invocando a própria fé, o testemunho dos santos padres, santos padres da Igreja, aquelas primeiras grandes figuras da teologia, da pastoral, foram sempre taxativos pelo que se refere à propriedade particular, à acumulação e à riqueza; palavras que nem Marx disse, palavras que se dissesse agora, escandalizaria muitos talvez dentro da própria Igreja.

"Toda riqueza é pecado, toda riqueza é roubo", dizem repetidamente esses santos padres, santos canonizados pela Igreja oficialmente. Toda riqueza é um roubo feito com as próprias mãos ou herdados dos próprios maiores.

A Igreja no Brasil, a CNBB mais concretamente e outras igrejas, com a solidariedade ecumênica exemplar nessa luta em favor do índio, nessa luta em favor do homem do campo, vem pronunciando, além dessa invocação da própria Bíblia, da invocação da própria fé, aqueles princípios básicos de ética, simples, elementar diríamos.

Uma coisa é a terra da exploração, outra coisa é a terra do trabalho, da produção; uma coisa é a terra da acumulação e do luxo e outra coisa é a terra da sobrevivência, da vida. É contra senso, economicamente falando, sociologicamente falando, agrícola falando. É um contra senso que a terra na América Latina e muito especificamente no Brasil, durante muitos séculos vamos ser sinceros, e muito particularmente nestes últimos anos, transforme-se numa espécie de capital de reserva, como se fez meia nos tempos, como se faz banco, se faz latifúndio, acumulando terra nas mãos das nacionais ou nas mãos das multinacionais.

Esta terra do Brasil que já não está sendo mais nem quase das grandes terras do Brasil. Presenciei, como Bispo naquela Região do Alto Mato Grosso, entre o Araguaia e o Xingu, limitando com o Pará, a Ilha do Bananal e Rio das Mortes, presenciei nas décadas de 60 e de 70, a entrada do grande latifúndio nacional, estimulado pelos incentivos fiscais da SUDAM. Gradativamente o latifúndio nacional foi se transformando em multinacional. São Félix, a LIQUIGÁS, a VOLKSWAGEN, no sul do Pará e o Carajás, o projeto todo, as grandes barragens a serviço de quem? As grandes estradas, os grandes empreendimentos, as melhores terras do interior de São Paulo, por exemplo, se transformando agora em canaviais, para o PROALCOOL.

Fico às vezes estarecido. Briguei, não por vontade de brigar. Sou espanhol e dizem que os espanhóis brigam um pouco por natureza. Talvez não seja propriamente isto. Não sei brigar com armas, nem vou saber nunca. Já disse aos pistoleiros que quando quiserem me pegar podem vir até desarmados. Tenho como armas a minha fé, o meu carinho para com o povo, o meu compromisso com o povo é a esperança de que apesar de tudo Deus é Deus e o povo é o povo. A História será dos pequenos e humildes. A História será do povo livre. A História será de todos os filhos de Deus, brigando nestes tempos mais bravos da segurança nacional com latifundiários, valentes, com a Segurança, com o Exército, com o INCRA, com os Ministérios. Dizia muitas vezes, que não sou brasileiro, posso falar, precisamente porque não sou brasileiro. Poderia os outros países terem problemas de terras. Mas o Brasil... Se alguma coisa tem neste nosso Brasil é terra, água, sol, climas... Se em algum lugar do mundo se pode fazer reforma agrária é no Brasil. Sempre que o Brasil esteja disposto a não mais

privilegiar os privilegiados de sempre, sempre que o Brasil seja para o povo do Brasil, não para alguns brasileiros de sangue diferente, menos ainda para as multinacionais.

Na Nicarágua, onde passei agora dois meses, sei que numa visita contraditória, para mim numa visita marcante, profundamente evangélica, dramática, esperançosa, tudo simultaneamente, na Nicarágua era conhecido apenas como o Bispo do Brasil. Vivi inclusive momentos emotivos. Paramos numa ocasião num posto de gasolina. O rapaz que ia comigo no jipe, visitando a fronteira e a montanha da Nicarágua, agredidas constantemente pela contra-revolução financiada pelo imperialismo americano. Doze mil nicaraguenses foram assassinados pela contra-revolução. Os grandes somozistas e mercenários a serviço do império, não a serviço da Nicarágua. Garanto para os Srs. É a minha opinião, a minha convicção.

Paramos no posto de gasolina. Estava tomando nota do que vivia, do que sentia, se aproximaram uma menina e dois meninos pequenos, oito, nove ou dez anos e a menina me pede logo a caneta e os dois meninos, a caneta lapiseira. Falei logo, vocês vão me desculpar, mas a única que eu tenho e estou levando para o interior da Nicarágua, estou tomando nota do que acontece no seu País, para depois contar para o mundo, para ajudar um pouco vocês aí.

Na hora a menina salta, pula, queria sair na televisão. Disse então, se não nos pode dar a caneta, escreva o seu nome aqui na minha mão. Escrevi o meu nome na mão daquelas três crianças nicaraguenses; faço um parenteses e me comprometi a pedir ao Brasil que enviasse entre outras coisas canetas, cadernos para as crianças da Nicarágua; estou pedindo também para os meus patrícios do Paraná.

Bispo do Brasil, disse a menina. Nunca me senti mais brasileiro que lá na Nicarágua e agora hoje aqui nesta Casa do Paraná, oficialmente declarado Cidadão Paranaense, Cidadão Brasileiro. Porque senti o Hino Nacional assim tão perto, tão meu, até oficialmente falando.

Mas, como dizia, quando regressei da Nicarágua os companheiros da CPT e outros amigos pessoal, com quem falei em São Paulo, às vezes me diziam, espero não ser um Bispo do Brasil, como temos a Volkswagen do Brasil, a Ford do Brasil e Johnson do Brasil.

Vou terminando por aqui, porque já prometi que não seria um discurso, prometi que não seria um sermão. Ali me está dizendo, inclusive, que não saudei as autoridades, fiz questão de não saudar as autoridades como autoridades, queria me sentir aqui bem patrício mesmo, nesta Casa do povo paranaense.

Naturalmente reconheço as autoridades. Agradeço às autoridades, agradeço muito particularmente a Tadeu, que teve esta iniciativa, nem nos conhecíamos; ele tinha lido algum livro meu. Agradeço, muito particularmente, uma vez mais, ao povo do Paraná, aos índios do Paraná, aos lavradores do Paraná, parceiros, colonos, sem terra. Agradeço ao povo das cidades do Paraná, os operários, agradeço aos favelados do Paraná. Também temos favelas no nosso Paraná progressista e rico. Agradeço às comunidades da nossa Igreja e agradeço a esses milhares, milhares e milhares de migrantes paranaenses, que como eu, paranaense agora, mesmo sendo paranaense viveremos no Mato Grosso, no Pará, em Rondônia, no Acre, Roraima e espero que não seja necessário sair do Brasil.

Espero também que o Paraná retome no momento oportuno seus filhos, abra espaço de terra, de saúde de educação, de liberdade, de realização, para todos os seus filhos.

Espero que o Paraná seja também nisto, pioneiro exemplar para todo o Brasil.

Se, federalmente, não se fez a reforma agrária que esperávamos, por que o meu Paraná, o nosso Paraná, não resolve fazer, estadualmente, uma boa, uma paranaense reforma agrária?

Em todo o caso tenho a plena consciência de que o povo paranaense sim, irá fazendo a sua própria reforma agrária

juntamente com o resto do povo lavrador do Brasil.

Irmãos, companheiros, patrícios, muito obrigado. Não vou me despedir, vou continuar em casa. Já pedi aos companheiros da CPT que recolham no tempo oportuno, semente da giesta, para plantá-la em São Félix do Araguaia, vamos ver, se, com paranaenses, já agora, se adaptam ao clima e o que seriam para mim flor nacional.

Unidos neste carinho, unidos na oração, rezo todos os dias pela minha família, pelo meu povo que ficou lá; rezo todos os dias pelo meu povo do Mato Grosso; rezo todos os dias, há vários anos, por um povo muito meu também, a América Central; nossa América Central. Garanto para os Srs., para vocês, para todos, companheiros, irmãos, patrícios, que a partir de hoje, vou rezar todos os dias, pelo meu, pelo nosso Paraná!

Termino, continuamos sendo poetas, quando me anunciou este título, viajando de ônibus, que é onde se faz normalmente os poemas, dá tempo de pensar, de sentir, de falar com o povo, de ver a natureza; às vezes dá tempo de sentir raiva, também. Não é, como sente esperança. Fiz este poema ao Paraná, porque o Paraná é também outras coisas; sei que o Paraná é progresso, muita construção; sei que o Paraná é agricultura, em certos aspectos, modelo, mas, o meu Paraná, continua sendo, muito particularmente, em si, o Paraná dos caiganges, o Paraná dos colonos, o Paraná dos sem-terra, o Paraná das árvores tombadas e o Paraná do povo levantado.

O poema diz assim:

Acorda Paraná!

Acorda Paraná!

Espoliadores persistem em dobrar-te sobre o leito

Levando em novas levas, teus melhores,

Tombando os pinheirais contra teu peito,
Transportas a ilusão para a Amazônia,
Esquentas bóias-frias, na esperança,
O sono dos caiganges vira insônia,
Ou vira o braço do sem-terra, lança!
Fronteira de querências e coragens
Teu corpo retalhado nas barragens
Sangras pela ferida de Itaipu!
Rochas de mil idades, terra, gente,
Acorda, para seres novamente
Paraná, Paraná, Paraná,
Tu!

(Aplausos).

O SR. PRESIDENTE -- (Nílso Sguarezi) Esta Presidência, em nome da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, agradece às autoridades que se fizeram presentes a esta solenidade, todos os visitantes e espectadores que tanto brilho deram a esta solenidade.

Solicito à mesma Comissão anteriormente designada, que acompanhe as autoridades enquanto estiverem presentes no Palácio 19 de Dezembro.

Antes de dar por encerrada esta sessão, a Presidência avisa que logo após D. Pedro Casaldáliga receber os cumprimentos no Salão Nobre, ele fará, neste Plenário, uma palestra sobre o tema "A Igreja e a Reforma Agrária". Os visitantes podem aguardar, que D. Pedro retornará em questão de 10 minutos.

Convido os presentes a ouvirem o Hino do Paraná, após o que, estará encerrada a presente sessão.

(A Banda da Polícia Militar executa o Hino do Paraná)